

Fim da fome não depende do governo, diz FHC

José Paulo Lacerda/AE

Afirmção foi feita em longa entrevista ao vivo no *Jornal Nacional*, como a que Lula deu na 2.ª feira

EDUARDO NUNOMURA

O presidente Fernando Henrique afirmou ontem que “não está nas mãos do governo” a erradicação da fome no País, assunto que o presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva considera prioritário. “Dizer: vou acabar com a fome. Como forma de vontade, acho bom. Também quero. Agora como prática, depende de circunstâncias que escapam do governo.” E recomendou: “É perigoso num momento de euforia o candidato apresentar muitas promessas.”

Os comentários foram feitos pelo presidente em uma longa entrevista ao vivo no *Jornal Nacional*, da Rede Globo. Fernando Henrique apareceu durante 24 minutos, divididos em dois blocos, três dias depois de Luiz Inácio Lula da Silva ter participado de outra entrevista, esta de mais de uma hora.

O presidente analisou o processo eleitoral e a situação do País, falou de seu futuro político e aproveitou a oportunidade para fazer uma série de recomendações ao sucessor. “O que o governo tem que fazer é, primeiro, continuar uma linha de austeridade, porque senão vem a inflação e aí o povo paga. Segundo, de decência. Tudo aberto, como estamos fazendo agora na transição.”

Fernando Henrique lembrou que a realidade no governo é muito distinta das promessas de campanha e estas muitas vezes são difíceis de serem realizadas. “A taxa de crescimento da economia depende da situação internacional. Dizer que vai crescer



Fernando Henrique fala sobre o resultado das urnas: “O povo é sábio, na hora de votação dos governadores equilibrou o jogo”

X ou Y, depende de fatores que não estão sob controle. Número de empregos a serem criados? Também não é possível ser definido.” Ele admitiu que cometeu esse erro, ao ter prometido gerar empregos em suas disputas presidenciais.

O presidente foi entrevistado no Palácio da Alvorada pelo jornalista William Bonner. Na segunda-feira, o âncora apresentou o programa ao lado de Lula, em São Paulo. Na ocasião, o presidente

eleito acompanhou o *Jornal Nacional* praticamente dedicado à sua vitória. Ontem, a entrevista transcorreu em tom mais formal, com a jornalista Fátima Bernardes participando do estúdio da Rede Globo, no Rio.

Sobre a derrota do candidato de seu partido, José Serra (PSDB), Fernando Henrique afirmou que o povo quis mudança e ele deveria entender essa decisão com “humildade”. Indagado por Bonner se Serra defendeu pouco o governo, o presidente se esquivou: “Não queria avaliar porque preciso de mais tempo.” Antes, elogiou o tuca no pela forma como conduziu a campanha e interpretou o resultado eleitoral: “O povo é sábio. Na hora de votação dos governadores equilibrou o jogo.”

Oposição – O presidente voltou a criticar o PT por ter feito uma oposição sistemática. “Em vários momentos houve atitude bastante, quase agressiva, como se um lado houvesse maldade e de outro, a bondade.” Segundo ele, o PSDB não pode seguir os mesmos passos e tampouco fará como Lula que, em 1998, teria pintado “um quadro de tragédia” para o País. “Ele vai ter que reagir, como eu

reagir. Se eles forem competentes, serão capazes de evitar que volte a inflação.” Sobre as críticas que recebeu na campanha do presidente eleito, foi irônico: “Não posso cobrar do Lula conhecimento em economia, nem é cabível que o presidente os tenha, não precisa ter.”

Fernando Henrique aconselhou que o novo governo seja “bastante duro” nas negociações com o Fundo Monetário Internacional. “Não é boa política começar prometendo que vai aumentar o superávit primário, porque pode não ter condições de fazer isso.” Segundo ele, Lula trabalhará dentro de uma margem de manobra muito pequena. “Por isso

que não pude dar os aumentos que gostaria, nem do salário mínimo, nem para o funcionalismo, a não ser produzindo inflação que cai sobre o povo.”

Ao final, Fernando Henrique afirmou que não atuará no

dia-a-dia da política, nem ficará na “rinha permanente”, e que dará espaço para o surgimento de novas lideranças. Mas garantiu que continuará trabalhando em alguma atividade pública, estará baseado em São Paulo, aceitará um

dos convites que vem recebendo de universidades dos Estados Unidos ou Europa para dar algumas aulas e se dedicará a criar uma ONG. E doará sua biblioteca e outros papéis da Presidência à USP.

Garantimos a estabilidade democrática. Isso, para mim, é mais importante que o aspecto econômico

Infelizmente, a oposição que foi feita ao meu governo foi muito dura, fez oposição a coisas para o Brasil